

AMBIENTALISMO E ECOFEMINISMO DE VANDANA SHIVA: CONCEITOS E LIMITES

Bruna Gabriela Bondioli Possebon (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Roger Domenech Colacios (Orientador), e-mail: ra103483@uem.br

Universidade Estadual de Maringá/Centro de Ciências Humanas/Maringá, PR.

Área e sub-área do conhecimento: Educação; Fundamentos da Educação.

Palavras-chave: Ecofeminismo. Educação Ambiental. Ativismo.

Resumo:

Este projeto de iniciação científica teve como objetivo compreender a produção ecofeminista e ambientalista da ecoativista Vandana Shiva. Para tal, foram realizados levantamentos bibliográficos sobre as publicações acadêmicas elaboradas por esta autora, bem como uma análise de suas participações em conferências e entrevistas. Além disso, foram verificadas aproximações da obra de Shiva com a Educação Ambiental. As informações relevantes ao projeto foram obtidas por meio de análises bibliográficas e de plataformas online de pesquisa. Além disso, a investigação teve um caráter inter-relacional, uma vez que analisará as interações entre o ecofeminismo e a prática ambientalista.

Introdução

O meio ambiente pode ser interpretado de várias formas, uma delas, é como um local em que ocorrem relações dinâmicas e constantes entre as vertentes naturais e sociais (REIGOTA, 2012). Ou seja, todo espaço que apresenta essas conexões diversas entre os humanos e não-humanos entre sociedade e mundo natural, pode ser considerado como meio ambiente. Os impactos ambientais começam a ser percebidos após as mudanças causadas pela Revolução Industrial no século XIX, embora a crise ambiental tenha sido confirmada apenas na década de 1960. Na evolução da manufatura para a indústria, o ser humano tornou-se capaz de alterar o meio ambiente de forma muito mais intensa e, também, causar novos impactos relacionados à poluição.

Por conta das adversidades enfrentadas pelo meio ambiente no âmbito global, é compreensível a emergente preocupação, de partes da população mundial, com o bem estar do planeta. As consequências disso foi a criação, organizações sociais visando mudanças nas políticas mundiais relacionadas ao meio ambiente. Uma amostra desse tipo de movimentação, são as Organizações Não-Governamentais (ONGs), que reúnem diversas pessoas com um mesmo propósito. Outro desdobramento social que tem se somado à pauta ambientalista é o movimento ecofeminista. O termo Ecofeminismo foi primeiramente utilizado pela feminista francesa Françoise d'Eaubonne em um artigo publicado em 1974, denominado "Le Féminisme ou la mort", argumentando sobre um problema ecológico, a superpopulação. Segundo

Puleo, neste artigo d'Eaubonne afirmava que esta situação ambiental era decorrente da sociedade patriarcal que impedia as mulheres de decidirem por si próprias se teriam o desejo de terem filhos ou não (PULEO, 2017).

Dentre os principais expoentes da pauta ecofeminista, destaca-se a autora Vandana Shiva. Shiva é física, filósofa e ecoativista, nascida no ano de 1952 na Índia. Ela fundou em 1987 a organização não governamental (ONG) Navdanya, que atua na biodiversidade de sementes, direitos dos agricultores indianos e agricultura biológica (FREITAS, 2019). Shiva recebeu os prêmios Right Livelihood (1993), Sydney da Paz (2010) e Thomas Merton (2011). Alguns de seus livros publicados no Brasil incluem, "Biopirataria" (1999), "Monoculturas da Mente: Perspectivas da Biodiversidade e Biotecnologia" (2003) e "A Violência da Revolução Verde: Agricultura, Ecologia e Política do Terceiro Mundo" (2016). Sempre tendo em consideração a pauta ambientalista e a da ecologia, Shiva também é evidenciada pelos seus trabalhos sobre ecofeminismo. Segundo Gandhi (2018), Shiva é uma ecofeminista transformista, isto se justificaria por defender uma agricultura de subsistência, na qual não haveria um excedente de produção e tudo seria feito para atender apenas às necessidades humanas, indo contra o capitalismo patriarcal. Além disso, Shiva também defende que os seres humanos deveriam se empenhar para aperfeiçoar características consideradas femininas, como ato de cuidar e a compaixão, porque apenas nestes modos de subsistência poderia se encontrar um respeito pela natureza e a harmonia entre seres humanos (GANDHI, 2018).

Materiais e Métodos

Esta pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo possui uma coleta de informações a partir de documentos físicos e por meio online, compreendendo também uma abordagem metodológica seguindo os conceitos de ecofeminismo dentro da visão Vandana Shiva. Enquanto enfoque, trabalhamos com a perspectiva que a sociedade ocidental assume que tanto a natureza quanto as mulheres em si são objetos de uso contínuo e inesgotável. Além disso, por conta da forma em que as mulheres estão presas ao papel de submissas em relação ao homem e como a natureza é vista como dominada em relação ao que se é considerado como cultura, é possível colocá-las em um papel de igualdade e a partir disso verificar que as mulheres se beneficiariam pelo fim da exploração do mundo natural, visto que isso influenciaria na sua própria libertação. Isso se deve ao fato de que, do ponto de vista político, a cultura "domina" a natureza da mesma forma que o homem exerce a sua dominação sob a mulher (SILIPRANDI, 2000).

Podemos afirmar que as ideias fundamentais do ecofeminismo de Shiva englobam uma descentralização política visando uma democracia direta, além de uma economia de subsistência rural como sendo o modelo de desenvolvimento (GANDHI, 2018). Por fim, a pesquisa buscou compreender a obra ecofeminista e ambientalista de Vandana Shiva no decorrer de suas produções, começando pela década de 80 até os momentos atuais. Similarmente, foi buscado as influências na Educação Ambiental advindas do ecofeminismo e ambientalismo e como essas correntes de pensamento se enquadram na educação em geral.

Resultados e Discussão

A fim de situar seu trabalho nas questões ambientais, separou-se três pontos de discussão de sua obra: sua crítica a Revolução Verde, sua participação no movimento Chipko e seu livro com Maria Mies, *Ecofeminismo* (1997). Shiva baseia sua crítica à Revolução Verde na fundamentação para a defesa da agricultura de subsistência. A Revolução Verde é caracterizada: “[...] como um paradigma tecnológico derivado da evolução dos conhecimentos da química e da biologia, que definiram uma trajetória tecnológica baseada no uso intensivo de insumos químicos.” (SERRA; et. al., 2021, p.1). Um dos principais efeitos desse movimento foi a incrementação da produção agrícola e, concomitantemente, o aumento da utilização de agrotóxicos e outros danos ao meio ambiental e social (SERRA; et. al., 2021). Assim, a Revolução Verde, no entendimento da autora, foi uma forma de violência ocidental tanto para a natureza quanto para as mulheres. O mercado do ocidente teria utilizado o desenvolvimento da agrociência para coagir os pequenos agricultores a expandirem sua produção, na intenção de ficarem atados à constante compra dos diversos insumos agrícolas (GANDHI, 2018). Em relação às mulheres, Shiva afirma que a saída da agricultura de subsistência prejudicou a conexão que existiria entre a natureza e a mulher. Nas pequenas comunidades agrícolas o papel da mulher de cuidado e preservação da natureza era melhor explorado, Shiva critica justamente o afastamento desses dois pontos.

O livro *Ecofeminismo* traz discussões fundamentais para a prática ecofeminista em geral. A autora aponta para o consenso que as preocupações com a opressão das mulheres e exploração da natureza ainda estão presentes nos debates e lutas atuais sobre a questão feminina, de gênero e ambiental também. Bem como, o fato de que desde o início da dominação patriarcal, as mulheres eram associadas à natureza — considerando esta última de forma pejorativa, com traços irracionais e instintiva. Nessa situação era uma forma de legitimar a opressão, exploração e dominação das mulheres (MIES; SHIVA, 2021). A autora comenta que as ferramentas que tornam tal realidade possível são a própria ciência, as tecnologias e a violência em si. Ela critica a ciência no sentido de que foi o que possibilitou a criação de armas nucleares, produtos agrotóxicos e poluidores, assim como provocam o uso excessivo de matérias primas.

O movimento Chipko nasceu como uma forma de enfrentamento ao desflorestamento ilegal nas terras indianas na década de 70. Além de terem a principal técnica de abraçar árvores para impedir fisicamente o seu corte, o movimento Chipko conta com atitudes relacionadas ao conceito de **satyagraha**, também conhecida como os preceitos de resistência não violenta elaborados por Mahatma Gandhi. O interesse de Vandana Shiva pelo movimento Chipko. Shiva começou como voluntária, sendo que retornava todo verão e inverno de seu PhD no Canadá para contribuir com o movimento. A autora comenta que considera que as florestas apresentam beleza e paz, e, visto que é filha de um guarda florestal e uma fazendeira, não haveria como visualizar essa natureza de forma diferente. Ao adentrar o grupo Chipko, cresceu o entendimento de Shiva sobre a floresta como vida, sustento e conhecimento e afirma que tudo que aprendeu sobre a construção de movimentos sociais vem de Chipko (KEJRIWAL; VORA, 2019).

Conclusões

Em suma, foi possível verificar que Shiva possui uma grande atuação no ativismo, fazendo parte de diversas discussões a respeito da pauta ambiental. Entre sua extensão de publicações, participação em eventos e envolvimento nas atividades de combate ao desflorestamento do seu país de origem, a Índia. Além de sua crítica a Revolução Verde e as suas consequências para a saúde humana, bem como a poluição do meio ambiente, a principal proposta de Shiva é o retorno à uma produção agrícola de subsistência.

Agradecimentos

Agradeço imensamente a CNPq pela bolsa fornecida para o patrocínio da pesquisa e ao meu orientador, Roger Colacios, por todo apoio e companheirismo no decorrer de sua elaboração.

Referências

- FREITAS, A. C. **Vandana Shiva**: “Temos de destruir o mito de que a tecnologia é uma religião que não pode ser questionada”. 2019.
- GANDHI, A. Ecofeminismo. In: GANDHI, A. **Sobre as correntes filosóficas dentro do movimento feminista**. 2. ed. Nova Cultura, 2018. p. 61-66.3
- KEJRIWAL, S.; VORA, R. In **Conversation With Dr Vandana Shiva: Chipko Taught Me Humility**, 2019.
- PULEO, A. What is ecofeminism? **Quaderns de la Mediterrània**. V. 25, p. 27-34, 2017.
- REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- SHIVA, V., MIES, M. **Ecofeminism**. Zed Books Ltd, 2014.
- SERRA, L. S.; MENDES, M. R. F.; SOARES, M. V. de A.; MONTEIRO, I. P. Revolução Verde: reflexões acerca da questão dos agrotóxicos. **Revista Científica do Centro de Estudos em Desenvolvimento Sustentável da Undb**, São Luís, v. 1, n. 4, p. 2-25, 9 abr. 2021. Semestral.
- SILIPRANDI, E. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v. 1, n. 1, p. 61-71, 2000.